

Econocracia e Reforma

Em frente há caminhos novos?
Para lá deles, busquem-se já outros.
(Armindo Rodrigues, Obra Poética VIII)

Vivemos uma época ímpar na história da humanidade. Uma época cheia de contrastes. Por um lado, as grandes realizações científico-tecnológicas que, a um ritmo vertiginoso, introduzem profundas mudanças no nosso quotidiano, e nos levam a uma atitude de deslumbramento perante esse "admirável mundo novo". Por outro, assistimos a situações de paralisia e mesmo de retrocesso em áreas básicas da vida humana, que nos levam a uma atitude de cepticismo e desencanto. Os sinais de esperança num mundo melhor são logo toldados por outros de sentido contrário que acentuam desigualdades e injustiças.

O Mundo e a Europa: da pobreza à exclusão

O relatório das Nações Unidas, de Setembro de 1998, confronta-nos com um quadro preocupante: um de cada cinco habitantes do nosso planeta vive na pobreza absoluta! Dois mil milhões de pessoas usufruem rendimentos anuais de 400 dólares quando nos países ricos a média é de 19 300. Os números da inequidade são chocantes: «20% das pessoas nos países de alto rendimento são responsáveis por 86% do consumo privado, e os 20% mais pobres da população mundial consomem somente 1,3%. Os 20% mais ricos consomem nove vezes mais carne, têm acesso a cinquenta vezes mais telefones, e utilizam oitenta vezes mais veículos motorizados e produtos em papel do que os 20% mais pobres. Os norte-americanos gastam mais, anualmente, em cosméticos e os europeus em gelados do que aquilo que custaria fornecer educação primária, água potável e saneamento a quase um terço da população global que não dispõe deles.» Nas palavras de Kofi Annan, secretário-geral da ONU, numa mensagem divulgada no Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza (17 de Outubro), «esta situação não é nem moral nem economicamente sensata e é um motivo para a continuação da instabilidade política». Essa instabilidade política é geradora, por sua vez, de conflitos regionais que acentuam a crise estrutural em que estão mergulhadas muitas áreas do globo, como a África, América Central e do Sul, Europa de Leste e, também agora, os países do "milagre asiático". Esta situação de fome e guerra é a principal responsável pela corrente migratória que não cessa de pressionar a Europa. Ceuta tem-se vindo a transformar no paradigma desse fenómeno; para uns, a última barreira a vencer, a antecâmara do "paraíso ocidental", para outros o tampão necessário face ao acordo de Schengen.

Mas estas assimetrias são endógenas aos próprios países do "el dorado". A proporção dos «indivíduos pobres» na União Europeia-12 atingia os 17%, com disparidades apreciáveis entre os diversos países, ocupando a Dinamarca e Portugal os extremos do ranking - 6% vs 26%. Os 18 milhões de desempregados na UE 1 fazem temer um agravamento propício ao emergir do cenário das "duas europas" (Silva, 1998).

Portugal não foge a esta tendência, a pobreza está em alta: a percentagem de «agregados familiares pobres» que era, em 1989-90, de 19,1% passou, cinco anos volvidos, para 22,5%. O perfil dos que se encontram em situação de pobreza mostra que esta atinge, de uma forma particular, os casais com 3 ou mais crianças (48,3%), indivíduos isolados com mais de 65 anos (40,2%), casal com mais de 65 anos sem crianças (36,7%), e família monoparental com crianças (34,4%) 2.

Estas são as novas realidades de uma "econocracia" produtora de significativos estratos de excluídos e marginais, que sobrevivem na mendicidade institucional dos "subsídios solidários". A economia de mercado, nesta fase de neoliberalismo planetário, está a desembocar num «consumismo destrutivo», que nos deixa, no mínimo, perplexos e angustiados. Antes, quando as ideologias pareciam rasgar as fendas da utopia, as alternativas a este sistema económico-social pareciam viáveis. Hoje, também elas mostraram a sua falência. E assim estamos, neste final de século, numa espécie de beco sem saída onde nos resta apenas e só reformar o sistema.

Reforma dos Sistemas Educativos: da necessidade à obsessão

A generalidade dos países encetou processos de reforma nos seus sistemas educativos, nas últimas duas décadas, no sentido de adequar o ensino às céleres mudanças operadas neste virar de milénio.

Da necessidade evidente de reformar caiu-se, no entanto, num processo obsessivo de permanente reforma. O mal parece não ser de agora. Já no último quartel do século passado, Eça de Queiroz, nas páginas do segundo volume de *Uma Campanha Alegre*, com a ironia arrasadora que o caracterizava, aí enunciava alguns princípios essenciais da actividade política governativa: «cada ministro tem o dever tradicional de apresentar, como uma justificação da sua nomeação - uma reforma», esta «é uma formalidade que tem a preencher perante o País». «Todo o ministério que entra - deita reforma e cupé. O ministro cai - o cupé recolhe à cocheira e a reforma à gaveta.». A actualidade

parece-nos evidente, e se alguma coisa se desactualizou... foi o meio de transporte e o local do seu estacionamento.

Temos que reconhecer que a generalidade das nações está descontente com os resultados alcançados com as últimas reformas. A fragilidade dos sistemas educativos parece ser generalizada. As aprendizagens não melhoraram, a excelência não se impôs, os sistemas não estabilizaram.

Veja-se o caso dos EUA, a partir do testemunho de Gore Vidal, numa entrevista concedida em Portugal **3**, aquando da sua participação no ciclo de conferências sobre "Europa e Cultura": «Há 40 anos, quando dava conferências nas universidades dos Estados Unidos, os alunos falavam com paixão de literatura. Há dois anos, estive em Harvard durante duas semanas. É suposto saírem daquela instituição estudantes muito eruditos. Mas ninguém foi capaz de mencionar um romance sequer, o nome de um poeta. As línguas francas são agora o cinema e a televisão. [...] Não imagino, por outro lado, como é que, no futuro, crianças que, até aos 10-11 anos, se limitam a brincar com jogos de vídeo, serão alguma vez capazes de ler um livro! Onde é que vão ter tempo para isso?» Diz ainda Gore a propósito da juventude americana: «Tinham sido educados para ganhar dinheiro. Nunca para questionar o mundo». Por cá, creio que não fazemos bem nem uma nem outra coisa.

(Continua no próximo número: "Educação Multicultural: do imperativo social à ausência de políticas")

Luís Souta

CIOE/ ESE de Setúbal

Notas

(1) Fonte: Eurostat.

(2) Fonte INE.

(3) Revista *Visão*, 14/5/98, pp. 104-106.

Referências

QUEIROZ, Eça de (1891), *Uma Campanha Alegre*. Volume II. Mem Martins: Europa-América/ livros de bolso, nº 494, [1987]; Secção LXV, pp. 57-59.

SILVA, Manuela (1998) "Integração e Exclusão Social: Portugal e as duas Europas da Europa" in *Portugal na Transição do Milénio*. Fim de Século/ Margens, pp. 273-287.